

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-DECED  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

WAKILA CRISTINA DE ALMEIDA SILVA

**O CONTROLE EM CONTRAPOSIÇÃO A AUTONOMIA E A  
COMPLEXIDADE DO TRABALHO DOCENTE NOS DIAS ATUAIS**

ARIQUEMES

2014

WAKILA CRISTINA DE ALMEIDA SILVA

**O CONTROLE EM CONTRAPOSIÇÃO A AUTONOMIA E A  
COMPLEXIDADE DO TRABALHO DOCENTE NOS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada ao curso de  
Graduação em Pedagogia da  
Universidade Federal de Rondônia,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia.  
Orientador (a): Prof. M<sup>a</sup>. Maria  
Auxiliadora Máximo

ARIQUEMES

2014

**Dados de publicação internacional na publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Campus de Ariquemes/UNIR**

S586c

Silva, Wakila Cristina de Almeida

O controle em contraposição a autonomia e a complexidade do trabalho docente nos dias atuais. / Wakila Cristina de Almeida Silva. Ariquemes-RO, 2014.  
53 f.

Orientador (a): Prof.(a) Ma. Maria Auxiliadora Máximo

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2014.

1. Disciplina. 2. Michel Foucault. 3. Arqueogenealogia. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

**CDU: 377.8**

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007  
Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848  
Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: [campusariquemes@unir.br](mailto:campusariquemes@unir.br)

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED**

---

**WAKILA CRISTINA DE ALMEIDA SILVA**

**O CONTROLE EM CONTRAPOSIÇÃO A AUTONOMIA E A COMPLEXIDADE DO  
TRABALHO DOCENTE NOS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> M.e. Maria Auxiliadora Máximo – DECED/UNIR

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> M.e. Eliete Zanelato – DECED/UNIR

---

Membro: Prof. M.e. Hugo Athanásios Fotopoulos – DECED/UNIR

Ariquemes-RO, 15 de Dezembro de 2014.

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe pela garra e dedicação em fazer de mim a mulher que sou hoje.

À minha querida avó pela imensa ternura em seus gestos.

Ao meu esposo por seu amor, companheirismo, incentivo e apoio incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por tua infinita bondade e pelo dom da vida.

A minha mãe por ter sido tão guerreira durante todos os nossos anos vividos até aqui, me proporcionando uma educação de qualidade mesmo com muita humildade.

A minha querida avó que no auge dos meus vinte e poucos anos me deu a linda surpresa de conhece - lá e amá-la incondicionalmente através da nobreza e doçura de seus gestos dedicados a mim.

A minha nobre orientadora pelos conhecimentos compartilhados, por ter me incentivado incondicionalmente, por acreditar na minha capacidade e me tornar mais capaz me orientando com muito carinho e sabedoria para o então trabalho realizado, por sua imensa paciência e pela bela amizade construída durante as varias horas de convivência.

Ao meu esposo Wesley Cesar que com seu amor compreendeu as minhas ausências e a minhas angustias ocorridas durante essa produção textual, pelo seu fiel companheirismo, pelo constante incentivo, pelas palavras de otimismo e pela força, segurança e esperanças transmitidas a mim através de seu olhar.

A minha turma querida pela tão graciosa conquista, aos meus amigos especiais: Meire Késia, Débora, Fernanda e Paulo pela amizade sincera. A grande Dona Nair por sua pureza e garra se tornando um exemplo pra mim.

A minha amiga querida Naiara Farias pelas palavras de apoio nas horas difíceis, a Bibliotecária e, amiga Fabiany Andrade por sua ajuda profissional e pessoal em diversos momentos e por suas palavras amigas.

Ao GEPSPOVEMFU- Grupo de Estudos Saber, Poder e Verdade - Discutindo Michel Foucault na UNIR, pelos esclarecimentos e entendimento sobre de que vivemos numa sociedade vigiada e controlada e que precisamos achar subsídios para enfrentar os desafios impostos pelos soberanos;

Aos meus mestres, que muito me ensinaram compartilhando de seus conhecimentos e humildade. As entrevistadas que dedicaram um pouco de seu tempo a mim.

## RESUMO

O presente trabalho surge com o objetivo de apresentar como se dá o exercício da autonomia e a complexidade do trabalho docente nesse cenário, através da pesquisa de campo e revisões bibliográficas, os desafios da prática docente. Considerando as transformações políticas e sociais que vem ocorrendo desde o final do século XX e início do século XXI que tem se apresentado como causadora de constantes Reformas Educacionais e elevação dos discursos oficiais em prol de educação de qualidade. Isso tem se tornado o marco promotor de grandes mudanças na posição dos indivíduos que atuam nas instituições escolares e gerado inúmeras discussões sobre os novos direcionamentos educacionais, como as novas diretrizes e, por conseguinte a redução de autonomia do professor; as formas de controle; a hierarquização do ensino, programas de avaliações do desempenho do professorado, dentre outros. Esse estudo busca compreender a complexidade do trabalho docente no cotidiano da escola pública. O corpo teórico contempla leituras, como ARAÚJO (2005), TARDIF & LESSARD (2011), ALCÂNTARA (2011); VIEIRA, HYPÓLITO e DUARTE (2009); OLIVEIRA, Dalila (2007); VEIGA-NETO (2011). Sua metodologia está fundamentada na Arqueogenealogia (arqueologia e genealogia) com pesquisas bibliográficas e entrevistas. Em Michel Foucault (1995; 2005; 2006a; 2006b; 2007a; 2007b; 2007c; 2008a; 2008b; 2010) busquei compreender: disciplina; controle; verdade/poder; normalização; docilidade, dentre outros que me proporcionaram esclarecimentos a respeito das relações de poder diluídas na sociedade. Nas instituições escolares isso se torna evidente, a hierarquização acentuada, a perda de participação dos professores nas criações de programas e leis educacionais juntamente com os constantes lamentos advindo do grupo de professorado ecoam a docilidade das mesmas em atender e aceitar as exigências dos dispositivos oficiais causando desgaste, o desânimo e insatisfação frente ao ofício. Em síntese, destaco a urgência da compreensão acerca do “cuidado de si” e sua fundamental relevância para mim, para os futuros professores e os que estão na ativa. E a reflexão sobre as diversas possibilidades de resistir aos dispositivos de controle.

Palavras-chave: Controle. Disciplina. Michel Foucault. Arqueogenealogia

## **ABSTRACT**

This work appears with the aim of presenting how is the exercise of autonomy and the complexity of teaching in this scenario, through field research and literature reviews, the challenges of teaching practice. Considering the political and social changes that have occurred since the late twentieth century and early twenty-first century that has emerged as a cause of constant Educational Reforms and increase in official speeches in favor of quality education. This has become the hallmark promoter of major changes in the position of individuals who work in schools and generated a lot of discussion about the new educational directions, as the new guidelines and therefore the reduction of teacher autonomy; forms of control; the hierarchy of teaching, evaluation programs of teachers' performance, among others. However the debate about work and teaching 'autonomy is still shy. This study aims to understand the complexity of teaching in the school routine public. The theoretical framework includes readings, as Araújo (2005), Tardif & LESSARD (2011), Alcântara (2011); Hypólito (2009); Oliveira, Dalila (2007); VEIGA-NETO (2011). Its methodology is based on Arqueogenealogia (archeology and genealogy) with bibliographic research and interviews. In Michel Foucault (1995; 2005; 2006a; 2006b; 2007a; 2007b; 2007c; 2008a; 2008b; 2010) I tried to understand: discipline; control; truth / power; standardization; docility, and others who provided clarification me about the power relations in society diluted. In schools this becomes even more evident, the sharp hierarchy, the loss of participation of teachers in educational programs and laws creations along with the constant laments arising from the teachers group echo the docility of them to meet and accept the demands of the devices official causing wear, discouragement and dissatisfaction against the craft. In short, I highlight the urgency of understanding of the "self care" and its fundamental importance for me, for future teachers and those who are on active duty. And the reflection on the various possibilities to resist the control devices.

**Keywords:** Control. Discipline. Michel Foucault. Arqueogenealogia



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2 O TRABALHO DOCENTE .....</b>	<b>11</b>
2.1 A genealogia do trabalho docente.....	11
<b>3 AUTONOMIA <i>VERSUS</i> CONTROLE NA PRÁTICA DOCENTE .....</b>	<b>21</b>
3.1 Conceituando Autonomia.....	21
3.1.1 Caracterizando Autonomia Docente: o cenário construído para controlar o trabalho docente.....	24
<b>4 ARQUEOGENEALOGIA, HORIZONTE METODOLÓGICO E EMPIRIA.....</b>	<b>28</b>
4.1 <b>Abordagens conceituais e trajetória da pesquisa.....</b>	<b>28</b>
4.1.1 Características e formas de conduzir o trabalho docente .....	33
4.1.2 O olhar da sociedade à profissão docente .....	37
4.1.3 Os parâmetros curriculares na visão do professor: aproximação ou distanciamento da realidade escolar? .....	39
4.1.4 Para você o que é ter autonomia em sala de aula?.....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como na lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem [...]”. Michel Foucault

Na transição do século XX para o século XXI houve grande investimento teórico e prático em pesquisas que procuraram elencar as reformas educacionais e políticas em vários países e as novas formas de organização escolar que acompanharam um longo processo de transformação social. Nesse processo de mudanças as discussões acerca do tema da autonomia docente e seu exercício ganharam notoriedade no campo educacional.

Nesta perspectiva, o debate sobre o exercício da autonomia docente revela várias nuances, alguns pesquisadores acreditam existir autonomia entre o professorado, outros seguem fazendo vários questionamentos acerca da temática, acreditando haver uma série de contradições a respeito desse fenômeno e o uso do poder sobre o corpo docente.

Durante a graduação Licenciatura em Pedagogia na UNIR Campus de Ariquemes, tive o privilégio de receber o convite da Professora M<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Máximo para que eu fosse sua orientanda, eu de imediato aceitei, a partir do convite, várias ideias de tema surgiram, a luz das discussões realizadas no grupo de pesquisa denominado de Saber, Poder e verdade: discutindo Michel Foucault na Unir (GEPSPOVEMFU), coordenado pela professora citada e que eu participo.

O apreço por essa temática surgiu após os questionamentos levantados no grupo acerca das relações de poder, o controle, a disciplina e outros conceitos nessa mesma linha de pensamento, diante dos conceitos estudados comecei a observar o dia-a-dia das professoras com as quais eu convivía com outro olhar.

Foi durante o estágio remunerado realizado em (02) duas creches do município de Ariquemes/RO, que as indagações foram se acentuando. A proximidade com o corpo docente foi o ponto fulcral para a escolha do tema, os constantes lamentos revelavam a insatisfação delas em ser/estar professoras frente a tantas demandas e cobranças e a falta de liberdade de atuação. Após ouvir vários desabafos entre o professorado, fiquei intrigada e instigada a estudar e entender a temática.

Logo escolhi o tema por perceber que se tratava de um estudo necessário e relevante para a população educacional. Outro fator que me chamou atenção foi a oportunidade de trazer à tona um complexo jogo de poder que ocorre nas instituições públicas e o mal causado às pessoas que dele participa sendo um corpo dócil e Ser disciplinado. Muitos procuram resistir ao controle optando pela desistência do ofício de mestre.

Assim sendo, a primeira seção denominada: “Introdução” expõe a problematização a respeito do tema pesquisado, as hipóteses e as indagações pessoais que me incentivou a abordar o assunto: o controle em contraposição a autonomia e a complexidade do trabalho docente nos dias atuais. Vale ressaltar que contém ainda o objetivo proposto e a metodologia utilizada para identificá-lo através de pesquisa de campo e revisões bibliográficas.

Na segunda seção intitulada de: “O trabalho docente” inicio abordando alguns autores que possuem pesquisas relevantes sobre a temática apresentada como ARAÚJO (2005), TARDIF & LESSARD (2011), (ALCÂNTARA (2011); VIEIRA, HYPÓLITO e DUARTE (2009); OLIVEIRA, Dalila (2007); VEIGA-NETO (2011) dentre outros. Além de utilizar as obras destes autores, se fez necessário como pesquisa arqueológica manusear outros materiais como a LDB (LEIS DE DIRETRIZES E BASES, 2010), dicionários etimológicos, livros, teses, dissertações e artigos acadêmicos e científicos que me proporcionaram uma melhor compreensão temática para o desenvolvimento e direcionamento do estudo.

Na terceira seção identificada como “Autonomia *versus* controle na prática docente” apresento as diversas definições de autonomia no contexto geral e no contexto educacional, faço um breve aparato sobre o Neoliberalismo que o Brasil e outros países da América Latina adotaram a partir da década de 90 do século XX assinalando um novo cenário na ordem econômica ocasionando transformações no campo educacional.

Por conseguinte, ainda na terceira seção a luz dos autores estudados, caracterizo o trabalho docente e indico sinais de controle no ofício, objetivando entender o exercício da autonomia faço um aparato nas leis superiores da educação e as apresento lado a lado com a noção de mercado de trabalho e a sua inserção no campo educacional.

A quarta seção é intitulada “Arqueogenealogia, horizonte metodológico e empiria” inicio descrevendo alguns conceitos foucaultianos como controle, disciplina,

verdade/poder, docilidade, normalização, dispositivos de controle, panóptico dentre outros. Estes esclarecimentos foram conseguidos apoiados no próprio autor Foucault (1995; 2005; 2006a; 2006b; 2007a; 2007b; 2007c; 2008a; 2008b; 2010) e outros que são seguidores do mesmo **como Candioto (2010); Contreras (2002); Revel (2005); Machado (1985); Máximo (2009)**; dentre outros para favorecer um melhor entendimento quanto ao pensamento deste filósofo.

Dando segmento a quarta seção, descrevo a metodologia que utilizei no desenvolvimento da pesquisa de característica bibliográfica, relatando o porquê da escolha de determinados autores e suas obras referentes ao tema proposto para este tipo de investigação.

No desenvolvimento da etapa da pesquisa arqueológica disserto como aconteceu o levantamento dos dados para a pesquisa nos documentos bibliográficos, os quais foram manuseados e os respectivos motivos de terem sido usados. Descrevo também como se deu o pedido de permissão para o desenvolvimento da pesquisa via solicitação documental da Universidade e o aceite da direção da Escola.

Por conseguinte descrevo como se desenvolveu a pesquisa de campo, relatando como realizei esta prática: das observações nas instituições de ensino, a formulação dos questionários para o roteiro de entrevistas, o porquê de determinadas perguntas, se houve resistência ou não por parte de algum entrevistado e como aconteceram de fato as entrevistas com os docentes.

Nas “Considerações Finais” não com efeito de conclusão, dando por encerrado o estudo, mas a finalidade desta foi realizar aproximações conclusivas objetivando a melhor compreensão do leitor em relação à complexidade do trabalho docente. Ressaltei os caminhos percorridos até a escolha do tema e destaquei a relevância desse estudo propondo aos indivíduos em especial aos professores e graduandos uma reflexão sensata sobre as formas de controle e a necessidade de lutar contra os mecanismos de disciplinamento por meio de sua prática ou futuras práticas docentes.

## 2 O TRABALHO DOCENTE

Mas a adaptação contextual também afeta os objetivos, os conteúdos e as atividades do ensino. Confrontados com um público que enfrenta dificuldades múltiplas diante da aprendizagem, os docentes são primeiramente levados a operar uma forte seleção no seio dos programas oficiais (ZANTEN, 2011, p. 205).

### 2.1 A genealogia do trabalho docente

O trabalho docente se constitui como uma profissão milenar, pois, desde sempre existiu o mestre e o aprendiz, que é o que caracteriza esse tipo de trabalho. Neste sentido, genealogicamente, o cenário desta profissão e a condição a ela dada se modificaram ano após ano. De acordo com Araújo (2007), houve um tempo em que o educador era aquele que detinha conhecimentos e a ele incumbia a missão de ensiná-los a certo alguém, tal atitude dava-lhe prestígio a ponto de ser intitulado e respeitado como mestre.

O século XX foi marcado pela introdução de investimentos no campo teórico e conceitual na educação. No Brasil as expectativas educacionais de mudanças se pautaram em propostas de inovações e crescimento destacando a promoção da educação como motor do desenvolvimento do país. Do otimismo e romantismo pedagógico às políticas de expansão e democratização do ensino, o professor foi sempre o protagonista de todos os movimentos de transformação curricular tendo em vista a adequação aos encaminhamentos pedagógicos que a sociedade brasileira necessitou em cada momento.

Com efeito, o exercício genealógico<sup>1</sup> mostra que as várias nomenclaturas dadas a este profissional tão secular e ao seu trabalho revelam modificações constantes, o que implicaram e continuam implicando na essência da sua função/missão de ensinar. Enquanto profissional e sob o olhar da sociedade, esse acontecimento traz uma força, um poder de descaracterizar a profissão. O que sugere um dar-se em função das constantes alterações vivenciadas no que concerne à profissão como entendem Tardif e Lessard (2011), uma alternância entre

---

<sup>1</sup> “[...] a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT 2007b, p. 172).

as condições de trabalho, as novas configurações da organização escolar e os novos modelos de ensino.

Atualmente há uma atenção minuciosa voltada para profissão docente os desafios que lhe são inerentes e causadores do mal estar, por parte de vários estudiosos, dentre eles destacam-se (ESTEVE, 1989, 1991 e 1992); (JESUS, 1998). Esta temática foi inserida no contexto dos estudos brasileiros por Mosquera e Stobäus (1996; 1998; 2000), professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, a partir de meados da década de 1990.

Tais pesquisadores têm desenvolvido seus estudos no âmbito educacional com foco no professor e em seu trabalho, trazendo a luz as mais diversas formas de atividade e sua repercussão na carreira docente. Ludke & Boing (2007) também se dedicaram a estudar quase 100 (cem) artigos da conceituada revista *Educação & Sociedade*, a fim de fazer um levantamento tendo como cerne o trabalho docente e seus desafios.

Em análise, Ludke & Boing (2007, p. 1188) destacam que os pesquisadores por eles analisados e que abordam o trabalho docente buscam abranger o contexto político, econômico, social e cultural em que os estudos se pautaram. Dessa forma, ainda destacam que o estudo realizado por eles “[...] mostra que os professores são alvos ou estão no fogo cruzado de muitas esperanças sociais e políticas em crise nos dias atuais”. Isto parece ser mais um dispositivo para o mal estar instalado na profissão.

O século XX foi marcado pelo fenômeno da globalização, alternando toda forma de conduzir a produção do capital de modo que algumas crises implodiram nesse mesmo período em virtude o mesmo período também é assinalado na literatura por grandes lutas sociais que almejava estabelecer a democracia.

Assim sendo, os principais responsáveis pelas reformas estaria centrado no poder político e econômico, que segundo Ludke & Boing (2007, p. 1188), estes dariam os direcionamentos educacionais como: as novas diretrizes; redução de autonomia do professor em relação ao ensino, formas de controle; hierarquização; descentralização; gerenciamento financeiro; programas, divisão de trabalho; currículo; participação dos pais nas decisões, programas de avaliações do desempenho do alunado e do professorado em esfera institucional e nacional.

As condições materiais do trabalho, participações dos sindicatos e a intromissão de outros profissionais no trabalho escolar, juntamente com as novas

organizações sociais contemporâneas e sua total influência nas escolas implicam nas cobranças de novas posturas ao professor frente a tantas exigências (ALCÂNTARA (2011); VIEIRA; HYPÓLITO e DUARTE (2009); VIEIRA E DUARTE (2009); OLIVEIRA, Dalila (2007); TARDIF, LESSARD (2011); VEIGA-NETO (2011).

A realidade atual contempla uma complexidade acentuada no trabalho docente que traz em seu âmago os interesses econômicos e políticos centralizando na docência a difícil tarefa de alcançar os resultados almejados nesse contexto, o que se pode perceber é que há uma infinidade de fatores intra-escolares e extra-escolares que regem o trabalho docente, ultrapassando o já intrincado trabalho de mediar o conhecimento para outros indivíduos pelo professor.

A docência não contempla mais apenas o ensino, mas sim um conjunto de fatores que a tem sobrecarregado cada vez mais. O cenário docente é variado, no palco, a tão aclamada competência docente no viés das diretrizes que regulam o processo educativo, que por sua vez é medida por meio das avaliações estratificadas, objetivas e quantitativas do desempenho do professor e do aluno em âmbito local e nacional, provoca uma gama de situações educacionais que serão apresentados no decorrer desse estudo.

Oliveira, Dalila (2007, p. 357) comenta que a forma como a escola se apresenta se modificou em prol de reformas realizadas nos últimos anos do século XXI revelando uma escola diferente daquela em que o sistema educacional se implantou enfatizando que: “Essa nova organização escolar reflete um modelo de regulação educativa, produto de novas articulações entre as demandas globais e as respostas locais”. Pois o professor é visto como único responsável em fazer valer as reformas criadas.

Desse modo, acerca do neoliberalismo assevera Menezes (2011, p. 115-116) “Nessa sociedade, gestada pela lógica neoliberal, esse olhar para o capital humano denota a centralidade que o sujeito ocupa nos processos de subjetivação para que a verdade se estabeleça”. Em análise ao ordenamento legal que rege a educação, dentre eles a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDBen é possível perceber esse acontecimento<sup>2</sup> bem exacerbado. Corroborando com essa suposição, um dos documentos da UNESCO destaca:

---

<sup>2</sup> Foucault (2006, p. 255-256) explica que “o que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir, uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu

A qualidade do docente e as condições que criam na sala de aula, excluídas as variáveis extra-escolares, são fatores decisivos que explicam os resultados de aprendizagem dos alunos, o que significa que as políticas orientadas a melhorar a qualidade da educação só podem ser viáveis, se os esforços se concentrarem em transformar com os docentes, a cultura da instituição escolar. Por sua vez, sem o concurso dos professores, nenhuma reforma da educação terá sucesso (UNESCO, 2007, p. 15)

O documento citado acima é apenas um dos arquivos que alertam a respeito da centralização de responsabilidades e no acréscimo da mesma ao professor, o mesmo se encontra diante de uma realidade que o centra nas políticas educacionais lhe atribuindo papeis que o remetem a “salvador” do mundo e detentor de todas as ferramentas para as melhorias escolares.

Desta forma as instâncias educacionais superiores elaboram as diretrizes, mas se desresponsabilizam de qualquer fracasso educacional. Nesse sentido, Santos (2014, p. 17) ressalta que:

Com efeito, os profissionais da educação são promovidos a protagonizar as mudanças determinadas, ocultando a responsabilidade de outros, sem entender que existe um Sistema que regulamenta a educação na forma da Lei e exige muito mais do que o trabalho esforçado desta comunidade de docentes que estão na última escala da hierarquia de execução de ordens.

Este acontecimento de dar ênfase na atuação docente no âmbito escolar acarreta ao professor difusas manobras e constantes cobranças de diversos segmentos, aumentando a tensão e os dilemas do professorado no cotidiano escolar. Para Máximo (2009, p. 4):

A cobrança do corpo social quanto a produtividade eficiente e a promoção da competência e eficácia nas atitudes constitui mais uma ameaça à integridade física e emocional do professorado. Mesmo em uma observação rápida acerca da profissão docente é possível destacar o lançamento de exigências ao professor na expectativa de que ele dê conta dos mais variados desafios buscando soluções miraculosas para os problemas educacionais que se multiplicam a cada dia.

No que tange aos desafios, Duarte (2006, p. 9), fomenta que o dia-a-dia em sala de aula é composto de imprevisibilidade e multiplicidade esses que se tornaram elementos presentes no atual contexto educacional, pois no trabalho docente a

---

chamo de acontecimento. Para mim trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou campo político, ou às instituições”.



incerteza, a alternância do corpo social e o jogo de mudanças curriculares fazem com que o professor mergulhe em um cotidiano mesclado por altos e baixos, aonde ele tem que correr para “dar conta do recado” como diz o ditado popular, com a diversidade de fatores a tal busca pela “competência” em seu trabalho fica ainda mais difícil.

Na era neoliberal a população é composta por agentes que em nada se prendem antes se desprendem o tempo todo, o novo em questão de minutos se torna velho e o que interessava há pouco tempo atrás já não interessa mais, e no conjunto escolar essa realidade não se diferencia, pois o professor se envolve em uma verdadeira maratona atrás de recursos que façam da sua aula algo atrativo e produtivo, pois só assim terá a sensação de dever cumprido.

Esse processo complicado de interação do professor com seu objeto de trabalho torna-se misto. De acordo com Tardif e Lessard (2007, p. 35) “A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativas e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores”. Pontos que segundo Foucault (2006a, p. 106) estaria sendo representadas em todas as relações de poder.

O que se percebe nessa atual conjuntura do trabalho docente é que a resistência ou, a não participação em determinadas ações dos professores têm surgido entre eles mesmos e, não só no meio dos alunos como aponta Tardif e Lessard (2007). Assim a resistência se materializa em formas de cansaços, enfados, angústias, quando não a renúncia de si por si no contexto educacional.

Deste modo, parece haver uma compreensão pelo professor de que são nas relações de poder que a resistência se manifesta e se fortalece. A multiplicidade das correlações de força, inerentes à sociedade dentro e fora da escola podem também se apresentar no contraponto guerra e política que, “[...] seriam duas estratégias diferentes (mas prontas a se transformarem uma na outra) para integrar essas correlações de força desequilibradas, heterogêneas, instáveis, tensas” (FOUCAULT, 2006a, p. 103).

Foucault (2006a, p. 105) entende “que as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas”. Nesse sentido, as reformas educacionais assumem o papel de subjetivar o professor de tal modo que o mesmo se sinta capaz de permanecer na atividade docente e, também prioriza atenção aos recém

chegados a essa atividade. Várias tecnologias de controle têm sido formuladas para evitar possíveis rupturas desses indivíduos. Nessa trama de relação de poder o docente e sua conduta profissional tornam-se o alvo principal de tais reformas e dos constantes dispositivos de normalização que atuantes e presentes nos discursos que surgem a partir de várias tecnologias de docilização.

Pois a tarefa principal dessas tecnologias de controle, normalização e docilização passam a ser inseridas no meio educacional com o intuito de evitar qualquer tipo de ruptura desse indivíduo nessa rede de poderes. Para Foucault (2007b, p. 118), é dócil “[...] um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Portanto a diversas formas de adestramento ocorre por meio das estratégias de dominação que disciplina o indivíduo para objetivos próprios das redes de poder.

O autor ainda assevera que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. (FOUCAULT, 2007b, p. 118). Assim sendo, o desejo desses aparelhos discursivos é docilizar e normalizar o professorado com atitudes subliminares de sanções punitivas de cunho social, para que assim não haja *resistência* nessa relação de *saber/poder*.

Para Foucault (2004, p. 24) “[...] o corpo está diretamente mergulhado em um campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem lhe sinais.” Nessa dinâmica ocorre um permanente sujeitamento do sujeito-professor, os mesmos acabam se tornando produtos de uma sociedade contemporânea que tem como foco governar a população (corpo docente) em prol de interesses que o professor chega até desconhecer.

Destarte Foucault (2007b, p. 118) diz que “não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente”. Para o alcance de tal proeza estabelecida pelos inúmeros discursos de controle voltados para o professorado são estabelecidas metas intituladas por um conjunto de monitoramento ao corpo docente em um panoptismo<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O *Panóptico* de Bentham e a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo as janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela

(deslocamento conceitual do panóptico) constante e tácito (FOUCAULT, 2007b; ALCÂNTARA, 2011; VIEIRA; HYPÓLITO e DUARTE, 2009; VEIGA-NETO, 2011; VEIGA-NETO; RAMOS DO Ó, 2009).

Por sua vez, obedecendo às normas das diretrizes as mudanças curriculares coadunam para que a tal sensação de autonomia e o espírito de competitividade se instale no corpo social envolvido pelo processo educacional, diante disso os impactos das reformulações ocorrem tanto na conduta do professor quanto na conduta do aluno.

Em contraposto a esta autonomia tão proclamada pelos docentes, Foucault (1995, p. 244) explica que “o poder só se exerce em homens livres [...] que tem diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”, sendo que essa menção à liberdade pode ser remetida a indivíduos singulares ou coletivos.

Com efeito, atualmente é possível perceber que os holofotes se voltaram para os professores de forma intencional em virtude de um jogo de interesses e estes, sofreram modificações no decorrer dos anos. A docência tornou-se uma maquinaria de produção, fomentando aos professores, a fabricação de si mesmos conforme solicitados na linha tênue das demandas econômicas em níveis locais e globais.

Genealogicamente há um *feedback* educacional que se tonifica nas formações continuadas e que parece funcionar como ápice da regeneração profissional, cujo discurso tenta ser autônomo; no entanto, há um referendo sublinear de controle intensificado da prática docente. Concomitantemente, as políticas neoliberais contribuem para a instalação e a manutenção das atribuições inseridas no seio profissional da educação.

Para Carinhato (2008, p. 38) “A ideologia neoliberal contemporânea é, fundamentalmente, um liberalismo econômico, que exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa privada, rejeitando veemente a intervenção estatal na economia”. Nesse contexto a educação se degrada quando se pensa no motor escolar pautado no material humano e nas suas subjetivações.

---

de lado a lado. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções - trancar, privar de luz e esconder - só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia (FOUCAULT 2007b, p. 165-166).

Neste sentido Menezes (2011, p. 115-116) explica que:

Nessa sociedade, gestada pela lógica neoliberal, esse olhar para o capital humano denota a centralidade que o sujeito ocupa no processo de subjetivação para que a verdade se estabeleça. Ao olhar para essa questão a partir da análise arqueológica foucaultiana, é possível compreender que nessa relação entre a busca pela verdade (e pelas manifestações da verdade) e os processos de subjetivação, discursos sobre o investimento em si se fortalecem, fortalecendo assim a verdade da potência do indivíduo. Grifo do autor.

Dito isso, é preciso potencializar/subjetivar o indivíduo/professor e o indivíduo/aluno para que assim ele mesmo assuma a responsabilidade de atender as novas demandas que são constituídas por diferentes setores de governo, me refiro a governo aqui não no sentido apenas de autoridade política.

Por esta palavra, “governamentabilidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentabilidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina - e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Efim, por “governamentabilidade”, creio que deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pela qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentabilizado” [...] (FOUCAULT, 1995, p. 45).

Desse modo Foucault (1995) esclarece que governamentabilidade é o governo sobre a vida dos outros, um tipo de governo que exerce a governança com sutileza no mais íntimo do indivíduo, nesse sentido o governo é composto por uma rede de poderes. Enfatiza ainda que, o poder nessa conjuntura não pode ser considerado apenas “como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro, cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro.” Em destaque a implicação do poder na condição de governamentabilidade:

[...] A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência

primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de forças que, devido sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação ente um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

Com efeito, na realidade escolar não são somente os alunos que estão submissos a esse tipo de poder complexo e quase oculto, mas antes de qualquer coisa o professor se encontra totalmente submerso a um emaranhado de normas e regulações que advém dessas relações de poder que em sua maioria em nada participa do cotidiano do professor. Entretanto, mesmo distante dita as ordens, planeja, e organiza as condutas do professorado frente as tarefas diárias (ALCÂNTARA (2011); VIEIRA; HYPÓLITO e DUARTE(2009); TARDIF, LESSARD (2011); VEIGA-NETO (2011)).

São esses sistemas de governamentabilidade que adentram a escola todos os dias, eles trazem consigo as funções que são estabelecidas aos professores e a escola. Tardif e Lessard (2007, p. 24) entendem que tanto o professorado quanto os alunos são submetidos a um grande número de “regras impessoais, gerais, abstratas fixadas por leis e regulamentos” que obstinam a disciplina total dos corpos e da alma.

Tais regras são articuladas em conjunto com os “sistemas de vigilância, de punições e recompensas” que não estão apenas a serviço do aprendizado em sala de aula, mas, além disso, se constituem como dispositivos de controle que tem por principal função enquadrar todos em um mesmo circuito social, estabelecendo suas formas de condutas diante da vida.

Assim, os objetivos centralizados desse fenômeno da governamentabilidade foram propulsores para as novas formas de conduzir os sistemas educacionais elaborando as mais distintas reformas a fim de alcançar o apogeu do controle, com seus discursos impregnados de intenções astuciosas, enfatizam que a escola na

sociedade moderna detém total autonomia, o que o discurso tem ocultado são as consequências dessa tal “autonomia”.

O discurso de autonomia docente e escolar é dotado de uma utopia, pois em contraposto a essa autonomia surgiu um ponto fulcral na profissão docente, que é auto-responsabilização pelos acertos e fracassos da instituição em particular onde exerce o seu ofício e da educação pública em parâmetros nacionais.

Desta forma o professor passou a ter inúmeras funções, dentre elas, a mais importante é alcançar o êxito escolar, ou melhor, alcançar o governo total de seu público, ou seja, os alunos e deixar ser governado pelas instâncias superiores de educação, ALCÂNTARA (2011); FOUCAULT (2008); VIEIRA; HYPÓLITO e DUARTE (2009); OLIVEIRA, Dalila (2007); RAMOS DO Ó (2009).

O ambiente escolar tornou-se um dos pontos mais relevantes nas pesquisas que tenham como foco o ordenamento, a normalização e disciplina social, isso se dá porque a escola ao mesmo tempo em que produz também é produzida e isso ocorre pelas formas de relacionamento que se estabelecem nesse meio e pela interiorização dos dispositivos de controle imbricados nos discursos oficiais e não oficiais.

Assim sendo, é preciso averiguar quais são as técnicas de governamentalidade que tem operado sobre a prática docente e a necessidade das mesmas em conduzir o professor ao enquadramento nos chamados modelos padrões, esses que são estabelecidos pelos dispositivos normalizadores, implicando em alterações em toda a forma de conduzir os trabalhos e na postura dos indivíduos participantes frente às demandas nesse contexto.

Com base nesse entendimento, me propus caracterizar através dos discursos dos professores as diferentes formas de controle sobre o desenvolvimento da prática docente e a construção de sua autonomia no contexto educacional. Busquei compreender também as mudanças específicas que houve no trabalho docente nos últimos anos decorrente dessa façanha conseguida pela complexa rede de poderes apresentada nos parágrafos anteriores.

### 3 AUTONOMIA *VERSUS* CONTROLE NA PRÁTICA DOCENTE

“[...] na luta contra o poder disciplinar, não é em direção ao velho direito da soberania que se deve marchar, mas na direção de um novo direito antidisciplinar, e, ao mesmo tempo, liberado do princípio da soberania.” (FOUCAULT, 1985, p.190).

#### 3.1 Conceituando Autonomia

O termo autonomia apresenta diversas definições que variam de acordo com cada segmento em que ela se aplica, portanto, tentarei trazer a luz dos autores pesquisados algumas delas acerca da temática. Etimologicamente, para Ferreira (2004, p. 233) “autonomia” é definida como:

[...] 1. Faculdade de se governar por si mesmo. 2. Direito ou faculdade de se reger (uma nação) por leis próprias. 3. Liberdade ou independência moral ou intelectual. [...] Et. Condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta.

Houaiss e Villar (2011, p. 351) a entende por:

1. Capacidade de autogovernar 1.2 faculdade que possui determinada instituição de traçar suas normas de conduta, sem que sinta imposições restritivas de ordem estranha [...] 1.4 direito de um indivíduo tomar decisões livremente; liberdade independência moral ou intelectual. 2. FIL segundo Kant (1724-1804), capacidade apresentada pela vontade humana de se auto determinar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível [...] 3. PSIC preservação da integridade do eu. [...].

O dicionário online PRIBERAM (2014) apresenta a seguinte definição: (grego *autonomia*, liberdade para usar leis próprias, independência): 1. Faculdade e um país conquistado ou de uma região administrativa de se administrar por suas próprias leis; 2. Independência administrativa em relação a um poder central. 3. Liberdade moral ou intelectual.

Nas citações visualizadas é possível supor que o conceito de autonomia compreende a ideia de liberdade do indivíduo ou da instituição em realizar suas escolhas da forma que quiser e conseguir tomar suas próprias decisões sem que

haja qualquer tipo de interferência, seja de pessoas ou dos meios externos ao mesmo.

Para Araújo; Brito e Novaes (2008, p. 119), a autonomia “[...] refere-se à capacidade do ser humano de decidir o que é “bom”; aquilo que é seu “bem-estar””, grifos do autor. Dessa forma, biologicamente, há um destaque para o indivíduo como um Ser que deve ter liberdade de transitar pelas mais diversas formas de pensar e agir para o alcance do que lhe convém.

Na sociedade moderna o termo autonomia destacou-se em diferentes setores sociais, sofrendo novas configurações frente ao novo grupo social que se apresentou a partir do século XX. Nesse mesmo período o cenário mundial passou por um processo de transformações econômicas, políticas e sociais que demandaram novas posturas para atender as necessidades recorrentes dessas transformações (DUBOC & SANTOS, 2007, p.31).

Assim, tais mudanças ancoradas no princípio do Neoliberalismo que o Brasil e outros países da América Latina adotaram a partir da década de 90 do século XX assinalaram um novo cenário na ordem econômica no país. Desse modo Veiga-Neto (2009, p. 189), pontua que nessa nova configuração mercadológica a ênfase deixou de ser na produção e passou a ser no consumo elegendo a competição como pilar de seu desenvolvimento.

Nesta reorganização do mercado de trabalho, o foco passou a ser o indivíduo e seu trabalho, bem como, a sua criatividade, liberdade e iniciativa de se tornar competitivo, “[...] o que importa agora não é ter muitas mercadorias para vender, mas ter elementos que façam vencer a competição pela conquista dos consumidores” (NOZU BRUNO, 2013, p. 1.231). O intuito principal nessa lógica é potencializar o desenvolvimento econômico do país sustentado no consumismo promovendo autonomia ao sujeito para conseguir tal feito.

Luckmann (2010, p. 61) descreve que “[...] o sujeito do neoliberalismo é responsável por si mesmo, consegue assegurar-se dos riscos a que todos estão submetidos, tem recursos para prover suas necessidades, trabalha, consome, enfim, governa a si próprio.” Foi a partir da lógica neoliberal do mercado de trabalho e do consumo que o termo autonomia ganhou grande visibilidade, se tornando algo atrativo e complexo para o entendimento.

Neste sentido o indivíduo ganhou *status* de sujeito autônomo, ou seja, livre para fazer suas escolhas e, o termo autonomia passou ser alvo de constantes



debates fomentadores de estudos a fim de refletir e analisar os variados significados dessa terminologia nos diferentes contextos como o social, econômico, político e filosófico (DUBOC e SANTOS, 2007, p.31).

Os aparelhos discursivos nos contextos econômicos e sociais passaram a investir em enunciados que enfatizavam o auto-investimento no e pelo sujeito para que assim o mesmo se empenhasse a usar sua criatividade e polivalência para se tornar articulador de suas ações visando sempre o alcance de seus objetivos, esses que por sua vez são produzidos dentro dos contextos citados. Corroborando com esse pensamento Freire e Miranda (s/d, p. 1) afirmam que:

O tema da autonomia na atualidade tem despertado a atenção de diferentes setores sociais, notadamente daqueles vinculados ao segmento do capital que estão interessados em promover os processos de reestruturação do trabalho e da produção, que passaram a exigir a formação de um novo trabalhador, mais flexível, eficiente e polivalente, cujo perfil reúne qualidades como autonomia e iniciativa no desenvolvimento das tarefas, autogestão de sua força de trabalho, flexibilidade para se adequar às variações do trabalho, criatividade na resolução dos problemas e, principalmente, a busca de aperfeiçoamento contínuo.

Diante da realidade descrita é possível perceber a necessidade de averiguar os impactos que os trabalhadores da educação têm sofrido mediante as condutas profissionais e as formas de se comportar exigidas nesse novo contexto do mercado docente. Sendo que as reformas educacionais que deslancharam a partir de 1990, ocorreram sob fortes influências desse novo modelo de trabalho e, ocasionaram mudanças no ambiente escolar. Segundo Enguita (1991, p. 48):

(...) a regulamentação do ensino passou, com o tempo, da situação de limitar-se aos requisitos mais gerais para a de prescrever especificações detalhadas para os programas de ensino. A administração determina as matérias que deverão ser dadas em cada curso, as horas que serão dedicadas a cada matéria e os temas de que se comporá. Em outras palavras, o docente tem perdido progressivamente a capacidade de decidir qual será o resultado de seu trabalho, pois este já lhe chega previamente estabelecido em forma de disciplinas, horários, programas, normas de avaliação, etc.

Para Araújo (2007); Nóvoa (1991); Oliveira (2007) e; Freitas e Miranda (s/d), esta trajetória de transformações de posturas e condutas profissionais refletiu de forma direta com seus efeitos na prática docente e a adequação as novas características apresentadas nessa nova formação do trabalhador, tornou-se crucial na busca pela necessidade do aperfeiçoamento.

### **3.1.1 Caracterizando Autonomia Docente: o cenário construído para controlar o trabalho docente**

A atribuição de novas responsabilidades ao corpo docente nas últimas décadas do século XX são reflexos de um novo cenário no mercado de trabalho que desembocou em um modelo de gestão diferente para as instituições escolares, caracterizando a gestão democrática, esta que resultou na autonomia escolar que ganhou destaque após os movimentos de descentralização do poder, nesse movimento de mudanças muitas reformas se consolidaram no contexto educacional, conferindo ao professor maior participação na elaboração dos planos educativos. (GEPE, 2008).

Com efeito, essa maior autonomia dada ao professorado teve como intuito criar novos sentidos para a profissão e novos modos de comportamento frente às demandas que emergiam do mercado de trabalho e do campo social como declara este documento oficial

Espera-se que esta recente autonomia e a liberdade que em princípio a acompanha conduzam os professores a de-senvolverem a sua criatividade e capacidade de inovar, ao mesmo tempo que activamente se tornam mais interligados e mais motivados, encorajando uma oferta diferenciada mais adequada à heterogeneidade da população escolar, que surgiu com o “ensino secundário em massa” e com a educação abrangente (GEPE, 2008, p.9).

Assim a descentralização começou a ocorrer através das transferências de incumbências que outrora pertencera ao estado para instituições educacionais regionais e locais. Destarte a Lei de Diretrizes e Bases exige essa postura participativa e coletiva das instituições quando na Lei 9.394/96 em seu artigo 12 (inciso I) estabelece como responsabilidade da escola a elaboração e execução do projeto pedagógico, o inciso II determina que os estabelecimentos de ensino gerenciem seus trabalhadores e seus “recursos materiais e financeiros”, dotando o campo educacional de autonomia nas decisões nas situações citadas na lei (BRASIL, 2010, p. 16).

Diante do exposto, pode se perceber que foi preciso deliberar ao professor maior participação nas decisões atribuídas à escola, dessa forma ainda na Lei 9.394/96 ficou estabelecido em seus artigos 13 (inciso I) e 14 (inciso I e II) que a elaboração do projeto pedagógico deva ser uma tarefa coletiva, na qual devem

participar professores e, os demais envolvidos no processo escolar local incluindo a comunidade (BRASIL, 2010, p. 16-17).

Deste modo a escola conseguiu conquistar a gestão democrática, favorecendo assim o surgimento de novas políticas públicas voltadas para a participação cada vez mais dos atores escolares, enfatizando o trabalho em grupo e maior participação da comunidade nas decisões da escola (ARAÚJO, 2007, p.16).

Assim, na medida em que a escola ganha maior autonomia em suas decisões, se constituindo como um modelo democrático, também acaba deliberando novas funções e maior responsabilidade ao professorado, como afirma Araújo (2007, p.14):

Diante dessa conjuntura, observa que a escola vem se reorganizando internamente, na busca de melhor qualidade na educação e na tomada de decisões consideradas mais democráticas e mais participativas, ao incorporar ao seu trabalho novas funções e responsabilidades, evidenciando a autonomia dos professores, as abordagens colaborativas e a descentralização do poder.

O fato de a escola possuir uma gestão democrática e seus envolvidos possuir maior liberdade e autonomia para tomada de decisões implica em uma maior responsabilização por todo o processo em que se dá o ensino colaborando também para o estabelecimento do princípio da competição entre os professores no âmbito escolar. Colaborando com esse pensamento Silva; Heloani e Piolli (2012, p. 376) destaca que:

[...] Entre os principais pontos das propostas do Banco Mundial para a educação, destacam-se os processos de descentralização e autonomia, que se manifestam nos projetos de parceria com o setor privado, nos programas de desconcentração administrativa e, no campo ideológico, no ideário da qualidade, da equidade, da eficácia, da eficiência e das competências. Essas práticas vinculadas ao discurso da “qualidade da educação” têm suas raízes fundadas nos objetivos, metas e resultados quantitativos.

Dessa forma é possível perceber que a aplicação do princípio neoliberal também passa a ser aplicado no campo do trabalho educacional, Candiottto (2010, p. 42) explica que isso acontece “[...] porque o mercado competitivo passou a ser a nova referência não somente da economia, mas de todas as instâncias sociais, e, além delas, da própria existência individual.” Silva; Heloani e Piolli (2012, p. 376) corrobora com este pensamento quando acrescentam que nesse quadro os agentes

escolares aparentemente passam a ter de mais autonomia, porém, a atuação docente fica ainda mais controlada.

Rebolo; Carmo (2011) e Silva; Heloani e Piolli (2012), entendem que a responsabilidade pelo bom ou pelo mau desempenho em nível local e da educação nacional agora sob recai ao professor, que diante da livre iniciativa a ele dada, este se torna responsável pelas escolhas que faz e se desdobra para o alcance das metas e objetivos que são estabelecidas pelo mesmo dispositivo que propaga as benfeitorias do ganho da autonomia pelo professor.

Logo os dispositivos de controle cumprem o seu papel, estimulando a produtividade docente através de seus discursos de autonomia e a regulando por meio do cumprimento de metas estabelecidas ao professorado. Vale destacar que quando cito o termo “dispositivo” é a luz do conceito foucaultiano, desse modo, para Foucault um dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não-dito [...]. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (REVEL, 2005, p. 40).

Com efeito, os dispositivos atuam como meio de coerção, mesmo que às vezes ela aconteça de modo sutil, coagindo o público que na qual ele se aplica em prol de objetivos estabelecidos por eles mesmos. Foucault (2010, p. 37) destaca que “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo [...]”. Nesse sentido, o professor ao se deixar seduzir e reproduzir os discursos pretensiosos que o revestem de uma suposta autonomia nesse campo competitivo está legitimando o poder de controle desses dispositivos.

Foucault (2010, p. 09) afirma que: “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada e, selecionada e organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”, isso denota que no campo educacional, a autonomia referendada por discursos falaciosos representa uma chaga oculta capaz de aniquilar em curto espaço de tempo expectativas e sonhos inerentes ao docente e sua prática pedagógica.

Para Veiga-Neto (2000, p.197) “o Estado passa a ser pensado como o responsável pela construção social de novas necessidades e maiores competências”. Portanto, vale dizer que o Estado através de seus dispositivos parece conquistar um grande feito, que ao dotar o professor de autonomia através de seus discursos lhe compele também o êxito ou fracasso do ensino escolar, sendo que “[...] no fim do jogo, parece ficar ao professor a sensação nada agradável de incompetência ou de fracasso” (REBOLO; CARMO, 2011, p. 56).

Assim sendo, o professor no ensejo de bons resultados se desdobra para alcançá-los, nesse ponto é possível visualizar um primeiro contraponto, ora o professor detêm autonomia para organizar sua prática, ora se torna eternamente responsável pelo resultado obtido, não somente de um resultado particular e sim de um resultado a nível nacional.

Nesse ponto é possível visualizar um primeiro contraponto, ora o professor detêm autonomia para organizar sua prática, ora se torna eternamente responsável pelo resultado obtido, não somente de um resultado particular e sim de um resultado a nível nacional. Desse modo, se tornam amostra as relações de poder que se estabelecem nesse cenário, disciplinando os indivíduos que dele participa. Neste sentido a disciplina se constitui como:

Técnicas de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como intensificar sua performance, multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde ele será mais útil (REVEL, 2005, p. 35).

Os dispositivos oficiais ao estabelecer metas quantitativas para educação controla o poder de autonomia a escola dada e a todos os seus envolvidos, e exerce seu poder de governamentalidade nesse contexto com:

[...] um conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2010, p. 291-292)

Assim, o acontecimento da governamentalidade no âmbito escolar se da mediante várias técnicas e, nelas se desenvolve o poder de controle, do panóptico, da normalização sobre a atuação do professor nesse meio.

## 4 ARQUEOGENEALOGIA, HORIZONTE METODOLÓGICO E EMPIRIA

O que há de desagradável em fazer aparecer os limites e as necessidades de uma prática no lugar em que tínhamos o hábito de ver desenrolarem-se, em pura transparência, os jogos do gênio e da liberdade. O que há de provocante em tratar como um feixe de transformações essa história dos discursos que era animada, até aqui, pelas metamorfoses tranquilizadoras da vida ou a continuidade intencional do vivido (FOUCAULT 2008, p. 240).

### 4.1 Abordagens conceituais e trajetória da pesquisa

Os caminhos metodológicos utilizados na busca pelo entendimento da temática escolhida se pautam na Arqueogenealogia que traz em seu cerne a vontade de compreender como são alicerçadas e processadas as diversas abordagens de pesquisas cujos processos envolvem consultas em arquivos bibliográficos, como nesse caso. A arqueogenealogia surge como perspectiva diagnóstica a partir da junção da arqueologia e da genealogia que formam a base analítica do objeto.

Nesta seção apresento os conceitos que embasam tal este no campo metodológico. A arqueogenealogia tem sua base de sustentação na justaposição dos saberes. No pensamento de Michel Foucault se caracteriza como uma análise dos discursos ao escavar de forma vertical os vestígios históricos não com a ideia de propor soluções imediatas para determinados acontecimentos, mas, fazer notório uma reflexão crítica sobre elas.

Candioto (2010, p. 48) entende que: “Do ponto de vista arqueológico, o conhecimento científico emerge no elemento de uma prática discursiva e sobre um *fundo* de saber” grifo do autor. A partir dos discursos obtidos sobre determinado assunto utiliza-se das entrevistas e dos dados encontrados em documentos para alavancar a pesquisa trazendo esclarecimento sobre as verdades que se apresentam.

Para compreender como acontece o controle sobre a ação docente elegi 02 (duas) instituições de ensino infantil em Ariquemes/RO e conforme amparado e alicerçado pelo aporte teórico apresentado nas seções anteriores, há clareza de que a mais de 20 (vinte) anos destaca-se uma crescente preocupação com a temática aqui contemplada. Ao me enveredar nessa pesquisa encontrei em Michel Foucault o

suporte teórico/metodológico que contemplou a formulação e a elaboração da mesma.

Para Marcondes e Japiassú (1996, p.17): “Fazer uma arqueologia do saber significa para Foucault, elaborar uma reflexão original que, a partir da análise das práticas discursivas, possa revelar o solo onde aconteceram as possibilidades de pensar [...]”. A arqueologia, então, origina a sua forma de desenvolvimento por meio da pesquisa bibliográfica.

Para Revel (2005), “[...] a arqueologia, reencontra-se, ao mesmo tempo, a ideia da *archê*, isto é, do começo, do princípio, da emergência dos objetos de conhecimento e, a ideia de arquivo - o registro desses objetos”. Dessa forma, esta metodologia se define como objeto de pesquisa que se realiza via documentos e anexos e tem o objetivo de entender como se deu o conhecimento em determinado tempo.

O deslocamento conceitual de arqueologia para a pesquisa bibliográfica conforme elaborado por Michel Foucault apresenta-se nesse estudo desde o levantamento de fontes, no Estado da Arte que favoreceu o encontro de livros, teses, dissertações, artigos, monografias, dentre outros, em bibliotecas: do Campus da Unir de Ariquemes; do Grupo de Estudos: Saber, Poder e Verdade: discutindo Michel Foucault na Unir – GEPSPOVEMFU e; particulares. Também busquei informações em sites na internet para compor o aparato necessário da pesquisa.

Neste sentido, o centro deste estudo traz consigo o contexto histórico em que o tema pesquisado se equilibra, a saber, nas leituras que se apresentam como fomentadores das formas de controle que existe em contraposição a autonomia docente. Assim, a identificação e a escolha dos autores que compõem o referencial teórico se deu pela abordagem e clareza do assunto. Lendo-os percebi as suas preocupações em identificar formas de compreender a relação contraditória autonomia *versus* controle do trabalho docente.

Com efeito, foi possível perceber nos argumentos e palavras utilizadas nos textos lidos a aproximação dos conceitos utilizados ao pensamento foucaultiano e o trato com o objeto presente nas colocações e análises. Outra referência a ser destacada se manifesta no ordenamento legal como forma de controle das atividades docentes em uma analogia ao panóptico cuja função é monitorar o indivíduo em todas as suas circunstâncias.

A pesquisa arqueológica foi realizada em documentos bibliográficos no período compreendido entre o ano de 2012 a 2014. Para desenvolver esta prática procurei amparo em artigos, dissertações, teses e livros. A ocorrência desta prática arqueológica iniciou-se com o desenvolver do projeto de pesquisa elaborado durante a disciplina: Metodologia da pesquisa científica.

Busquei levantar nos arquivos bibliográficos os enunciados pertinentes à pesquisa para que o mesmo pudesse fundamentar o texto aqui desenvolvido, atentei-me em buscar enunciados que elencassem o controle sobre a ação do professor no âmbito escolar.

Outro suporte teórico/metodológico utilizado aqui foi a genealogia que encaminha os rumos da pesquisa para a análise crítica do resultante da pesquisa arqueológica, que seria: “[...] uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (FOUCAULT, 2007a, p.07).

Os trâmites legais quanto a minha presença enquanto pesquisadora neste ambiente escolar foi seguida de apresentação de documentos comprobatórios quanto as intenções da pesquisa e discurso de comprometimento em zelar pela identidade dos indivíduos participantes da mesma, oficialmente documentado e com a comprovação e autorização dada pela instituição solicitada para o estudo, assim iniciei com as observações locais buscando me situar no ambiente.

Apresentei-me à Direção da escola que me encaminhou até os professores, então, discorri sobre proposta e o propósito da pesquisa em andamento, que seria entrevista e que a mesma seria a gravada. Ao questionar sobre o interesse dos professores em colaborar com a minha pesquisa senti a resistência de alguns. O temor se apossou de alguns que disseram não estarem preparados, mas ainda assim obtive êxito na captação de dados.

Porém, ao abordar outras duas professoras senti resistência maior, que por sua vez não aceitaram participar, sendo que alguns me orientaram a fazer uma pesquisa fantasia, ou seja, fantasiar a minha pesquisa, de antemão considerei um ato errôneo e não me deixei influenciar por essas ideias.

Em primeiro momento me senti constrangida por parecer que eu os estava incomodando, mas depois procurei entender quais as razões e os possíveis motivos que os levaram a não colaborar de forma direta para o meu trabalho e observei que



a insegurança e autoproteção poderiam explicar a postura dos professores frente a minha proposta.

Desse modo procurei argumentar melhor a proposta da pesquisa e destacar a sigilo da pesquisa com intuito de passar mais segurança e tranquilidade, assim tive a concordância voluntária de 04 (quatro) docentes. Entre os meses de fevereiro a julho de 2014 realizei as entrevistas e registrei o conteúdo em mídia com gravador de voz. As entrevistas aconteceram no horário dos planejamentos e também na saída das aulas para não comprometer as atividades dos mesmos.

Ao concluir as etapas de observações e entrevistas fiz a transcrição dos relatos digitando-as e mantendo a fidelidade das informações obtidas objetivando fazer a análise destes discursos conforme posto pela proposta metodológica contemplada. Enquanto realizava a pesquisa de campo procurei estar amparado dos dois conceitos teórico/metodológicos (arqueologia e genealogia) realizando leituras constantes e participando dos encontros do GEPSPOVEMFU e das orientações semanais com a minha orientadora.

Com estes subsídios foi possível fazer a junção de ambas buscando desenvolver uma arqueogenealogia dos acontecimentos que envolvem as formas de controle e autonomia que ocorrem na prática docente nas instituições de ensino envolvendo alguns dos professores da rede pública situada no município de Ariquemes, no Estado de Rondônia. Partindo de alguns conceitos foucaultianos me deparei com a arqueogenealogia que se define como algo que busca analisar a procedência dos discursos fazendo um possível cruzamento com os efeitos reais que estes discursos produzem.

Assim, o objetivo não é tornar descoberto o que está coberto e sim fazer aparecer o que está tão próximo de si e que ao ser desvelado por vezes torna-se impactante. A Arqueogenealogia, então, segundo os preceitos foucaultianos e em seus deslocamentos – nesse caso, para o campo educacional – estuda anexos e registros documentais definidores de modelos de conduta adotada pela sociedade contemporânea.

Ao expor esses discursos e o que relatam trazem a tona o que acontece em determinados grupos de pessoas. Desta forma, a Arqueogenealogia busca compreender o resultado (ainda que este sofra transformações constantes) deixado na esfera social pelas ações humanas diluídas no movimento da História, notifica

“discursos esquecidos” e relata os acontecimentos em tempo real compondo uma História do presente também real.

O cronograma estabelecido no projeto de pesquisa para a realização da mesma foi contemplado a contento e o tempo definido de 2012 a 2014 permitiu o resultado aqui apresentado. Contudo, pretende-se dar continuidade ao processo de pesquisa como forma de ampliação dos saberes dessa temática. Durante esse período, pude observar como acontece o trabalho docente em instituições públicas de ensino nos períodos dos estágios obrigatórios e dos estágios remunerados.

Tal observação direcionou o meu olhar para os acontecimentos relacionados às formas de controle e da autonomia na ação docente dos profissionais inseridos nestes contextos, seja na sala de aula ou até mesmo enquanto gestores.

Para realizar as entrevistas elaborei um questionário guia orientado por Mattar (1994) estabelecendo um roteiro para os questionamentos na colocação das perguntas aos entrevistados para análise *a posteriori* dos discursos obtidos. Este procedimento elencou-se em cuidados de preservação para com as respostas na intenção de obter os dados necessários para essa etapa da pesquisa.

Cabe mencionar que as observações sobre a temática iniciaram durante o meu primeiro contato com o ambiente escolar designado para o estágio onde pude observar as atitudes dos professores diante dos desafios em exercer as suas funções pedagógicas, presenciei grandes dificuldades as quais os docentes eram submetidos seja nas salas de aula ou nas salas de gestão da escola.

No decorrer dos estágios fui presenciando alguns acontecimentos intrigantes, cito: dificuldade de adequação à corrente teórica proposta pela instituição que, em alguns casos iam de encontro com a metodologia adotada pelo professor; os dilemas encontrados pelos professores frente as leis determinantes de sua ação em sala de aula; as reclamações por falta de liberdade em executar a prática pedagógica, dentre outros.

O questionário elaborado foi composto por questões abertas que segundo Mattar (1994, p. 06) “[...] os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas”. Aos profissionais submetidos a responder ao questionário foi esclarecido que esta prática de conferência seria de maneira informal e esta seria arquivada em um gravador de voz, conforme dito anteriormente.

Este critério facilitou o entendimento das respostas favorecendo a produção de texto analítico, pois facilitou a compreensão melhor dos relatos. Os entrevistados possuem contrato efetivo de Professor e no momento exercem sua prática na Educação Infantil.

Embora o estudo aborde o profissional da educação e o desenvolver de sua prática, a pesquisa se assegura na Constituição Federal em seu art. 5º, inciso X que prioriza a proteção à imagem e identificação do indivíduo. Sendo assim, os 4 (quatro) indivíduos participantes, não serão aqui mencionados e nem mesmo o ambiente em que atuam. Deste modo, serão chamados aqui de: P1 (Professor 01); P2 (Professor 02); P3 (Professor 03) e; P4 (Professor 04).

A ferramenta utilizada para coleta dos dados foi um questionário-guia para as entrevistas e um gravador de voz. Composto por 07 (sete) questões aproximadamente, o mesmo abordou diretamente os desafios da prática docente e o exercício da sua autonomia em um contexto abrangente, a prática em sala de aula.

Estas questões tinham como objetivo traçar um encaminhamento para as entrevistas sem a intenção de obter dados estatísticos, mas sim, captar a subjetividade dos docentes em relação ao trabalho que executam a fim de compreender como estes trabalham consigo mesmos com os contrapontos: controle *versus* autonomia no ambiente escolar, no sentido de obter informações acerca de como lidam com o mal estar provocado por situações de confronto.

Desta forma as questões elaboradas tiveram a intenção de levantar, entender e expor o “porque” do problema. Ressalto que todos os entrevistados são formados em Pedagogia e de posse dessa informação elaborei o questionário-guia que teve como questão número 01 (um) saber o porquê da escolha do Curso de Pedagogia? As respostas foram as seguintes:

**P1** – *Porque eu sempre me interessei por falar com criança desde pequena e eu gosto, gosto de trabalhar com criança.*

**P2** - *Porque quando fiz o ensino médio eu tinha feito, eu fiz o magistério, e também já gostava também de já brincava de escolinha então já comecei a gostar também aí eu resolvi melhorar mais em fazer o curso de Pedagogia.*

**P3** - *Na verdade no início escolhi por ser um curso mais em conta, porque na verdade eu queria Psicologia e depois eu acabei pensando e vi que era o que eu realmente queria porque eu vi que o curso de Pedagogia não era só profissional mas também pra vida.*

**P4** - *Bom, a escolha não foi minha assim necessariamente falando, na família tem muitos professores e acredito que foi incentivo da minha mãe ela dizia que era uma profissão que você não ficava desempregado e que era rápido apesar do salário ser baixo, mas, era uma boa profissão então eu fui nessa onda.*

A profissão docente é ainda hoje um marco no corpo social. Um sonho muitas vezes acalentado durante a vida inteira. Ao decidir ter uma formação, muitos indivíduos têm como opção incontestável a docência como pode ser vista nas justificativas de escolha apresentadas por P1 e P2 que revelam uma paixão que acompanha a vida e se inserem na vontade de saber promotora do desejo de poder.

No entanto, a Pedagogia tem sido escolhida por diversos motivos, conforme pode ser conferido aqui. Denota ser este um Curso sedutor, seu poder de sedução ultrapassa a vontade de alguns como diz P3 e fomenta decisões com base em discursos alheios às reais funções da profissão considerando como ponto importante o espaço temporal de formação e retorno financeiro imediato como sugere P4.

É possível encontrar aqui o poder inerente ao curso de Pedagogia em consonância com as falas dos indivíduos pesquisados cruzando com Foucault (2005, p. 35):

Na realidade, o que faz que um corpo, gestos, discursos, desejos sejam identificados e constituídos como indivíduos, é precisamente isso um dos efeitos primeiros de poder [...] o indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu.

As questões de números 02 (dois) e (03) (três) tiveram como objetivo obter dados de identificação do currículo do entrevistado (ele/ela) sem expor a sua identidade pessoal. Quanto ao tempo de atuação na área docente ficou claro que são professores construindo suas identidades profissionais, pois o tempo varia entre 02 (dois) e 06 (seis) anos de trabalho. Todos sempre trabalharam com a Educação infantil.

#### 4.1.1 Características e formas de conduzir o trabalho docente

Na questão 04 (quatro) foi solicitado aos entrevistados que citassem quais características achavam importante todo professor ter. O propósito deste questionamento era caracterizar as formas de conduzir o trabalho docente. Mencionaram ser importante gostar do que faz sempre, desenvolver o trabalho com amor, paciência, saber tomar decisões e observar as necessidades dos alunos no dia-a-dia.

Ao descrever as características necessárias ao professorado para o desenvolvimento do trabalho docente, P1, P2 e P3 declaram que paciência e gostar

do que faz se constitui como os atributos principais para o andamento do trabalho em sala de aula. Mas P1 salienta que é muito importante:

[...] também estar com o olhar atento pra o que precisa e no momento que precisa também atender as crianças, ser criativo é muito importante também na hora de ver as crianças o que estão necessitando também e fazer aquilo com bom trabalho (P1).

Com efeito, é possível visualizar nessa fala o dispositivo da autonomia em operação, aqui esse acontecimento se faz necessário, a heterogeneidade da sala exige do professor posturas flexíveis no decorrer de uma atividade que antes já havia sido programada, assim o professor se vê frente um dilema que permeia o atingir os resultados já estabelecidos para aquela aula e atender as necessidades de cada aluno. Desse modo Tardif e Lessard (2007, p. 280) pontuam que:

A própria natureza dos objetivos escolares (numerosos, variados, gerais, ambíguos, etc.) define para o professor uma tarefa de adaptação e de interpretação constante em função das exigências situacionais, o que dá ao que a pratica uma margem de autonomia real no trabalho curricular.

P3 colabora com essa citação quando comenta que é extremamente necessário entrar em sala de aula com o planejamento em mãos e que somente com ele é possível desenvolver a prática nesse ambiente de aprendizagem, mas a mesma ressalta que “[...] É claro que algumas coisas acabam desviando o planejamento porque as crianças são imprevisíveis [...]”. Desse ponto de vista, o dispositivo da autonomia é condicionado à imprevisibilidade que emerge na sala de aula.

Esse fenômeno define a docência como um trabalho complexo, pois o professor tem que se equilibrar entre os objetivos e metas determinados a ele a partir do planejamento de uma sequência didática ou atividade aleatória e ser criativo o suficiente ao ponto de lidar com as dificuldades, de modo que os resultados possam atingir sempre os objetivos estabelecidos (TARDIF e LESSARD, 2007).

Deste modo, os objetivos estabelecidos se configuram como uma forma de controle. Uma vez que os dispositivos oficiais percebendo a necessidade de proporcionar essa margem de autonomia ao professor para que assim ele se compromettesse com os resultados e se responsabilizasse por eles em sala de aula,

fez disso um mecanismo de controle que demarcou a extensão dessa autonomia dada ao professorado.

Para Foucault (2004, p. 118), o controle se dá através de métodos que permite efetivar a subordinação das operações dos corpos e das atividades a um conjunto de disciplinas, que tem como intuito maior economia dos dispositivos de controle e maior eficácia dos movimentos dos sujeitados. O autor ainda completa quando diz que:

[...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". [...] O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 2004, p. 118-119).

Assim sendo, o dispositivo de autonomia no contexto apresentado pelos entrevistados emerge como um processo de disciplinamento dos corpos de modo que eles possam ser produtivos em sua prática. De acordo com Foucault “[...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”, grifos do autor. A partir desse apanhando de Foucault é possível constatar nas falas voluntárias a presença oculta do dispositivo de controle se contrapondo ao dispositivo de autonomia.

Ao questionar as entrevistadas, se as mesmas possuíam as características já relatadas, todas declararam que possuem e que algumas ainda estão em desenvolvimento, sendo que apenas P1 declarou que o curso da pós-graduação tem-lhe ajudado nesse sentido. Todas alegam que as características se consolidam com o desenvolver da prática, mas não descartam a importância do Curso de graduação para a compreensão das mesmas.

Essas declarações estão de acordo com o entendimento de Gallo (2006, p. 184), quando diz que “é preciso adestrar-se a si mesmo para que seja possível viver; é preciso adestrar o pensamento [...], na mesma medida em que o indivíduo se conhece e cuida de si”. Assim, a adequação das entrevistadas às características é

algo que se define como cuidado de si de tal modo que leva o indivíduo a se sujeitar as formas de disciplinamento decorrentes desse contexto.

#### 4.1.2 O olhar da sociedade à profissão docente

Na questão 05 (cinco), as entrevistadas ao serem questionadas sobre a valorização obtida pela sociedade referente a profissão docente, fizeram verdadeiros desabaços, estes que apresentam certo descontentamento com a profissão docente. P1 declara que a formação é imprescindível na vida das crianças e deve ser vista como algo muito importante, pois ela não está em sala de aula somente para desenvolver habilidades como escrita e leitura e sim para formar cidadãos.

Conforme P2, a sociedade vê o professor como alguém que é obrigado a saber de tudo e que alguns pais não aceitam algumas coisas que fazem parte da prática docente, e que eles enxergam o professor como alguém responsável por tudo que envolve a educação de seus filhos, a entrevistada adverte que é bem complicado esse processo, porquanto ela desenvolve um trabalho pedagógico com seus alunos, mas, os pais não a apoia e cobram por algo além de seu alcance que é a educação integral de suas crianças. Por fim P2 declara que os pais se acham no direito de cobrar por algo que não lhe diz respeito.

Segundo P3, com a importância que a educação infantil tem ganhado nos últimos anos, o professor que atua na mesma passou a obter algumas conquistas, mas que ainda é visto como algo desnecessário, uma vez que o alunado da educação infantil se desenvolve por meio do brincar, de modo que a sociedade ainda trata as brincadeiras como algo que não promove aprendizagem, e por conta disso o professorado desse segmento ainda é muito discriminado.

P4 ao descrever sua opinião sobre a importância do papel do professor para a sociedade destaca:

Bom, eu acredito que o professor... Eu acredito que professor é uma salvação pra sociedade, acredito que religião e educação é o que salva a nossa sociedade, é o que dá o equilíbrio, é o que tem uma ordem, assim é o que ajuda a sociedade a manter uma certa ordem porque dentro da escola que a gente tenta manter um padrão de respeito ao próximo, de dedicação do cuidar mesmo.

O discurso de P4 é bem intrigante, uma vez que a mesma assume o papel de detentora da salvação, lhe atribuindo grandes responsabilidades. As abordagens dos termos “ordem e “padrão” na fala da entrevistada se revelam como itens que norteiam a noção de disciplina e, formas de controle sobre sua ação e a ação dos outros. Desse modo, Foucault (1979, p. 183) se referindo ao poder alerta:

[...] Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão.

Posto isso, é possível identificar na fala de P4 o exercício do poder em sua relação consigo e com outros, pois a mesma se posiciona como alguém que é capaz de produzir “ordem” através da manutenção de certo “padrão”. P4 sustenta essa proposição quando diz que é “dentro da escola que a gente tenta manter um padrão” (P4).

Cabe aqui dizer que P4 está enquadrada em mecanismo de controle, uma vez que ao mesmo tempo em que ela produz o controle é produzida por ele. Outra questão a se pensar, é de que padrão P4 fala? Segundo o Dicionário Aurélio o termo padrão denota “2. O que serve de base ou norma para avaliação; medida” (2000, p. 508). Em Foucault (1979) também encontro explicações acerca da abordagem ao termo padrão que a entrevistada cita em seu discurso.

Segundo o autor, existem verdades que são criadas em um contexto de poder, o mesmo acredita que “[...] a verdade não existe fora do poder ou sem o poder [...]”. Destarte, a abordagem ao termo padrão na fala de P4 dialoga com a noção de verdade sustentada por Foucault, para o autor “[...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.” (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Nesse sentido, “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a re-produzem.” (FOUCAULT, 1979, p.14). Desse modo, a entrevistada ao introduzir o termo “padrão” em sua fala, se revela como produto de uma verdade que deve ser obedecida e, que irá conduzir seu trabalho, se tornando fruto da relação verdade/poder, pois o acontecimento de manter um padrão lhe dá a possibilidade de exercício de poder sobre essa verdade (FOUCAULT, 1979, p. 14).



#### 4.1.3 Os parâmetros curriculares na visão do professor: aproximação ou distanciamento da realidade escolar?

Ao responder a questão 06, P1 considera os dispositivos norteadores de sua prática com algo bom e diz que “as intenções são boas”, mas para a entrevistada eles deveriam se adequar mais a cada realidade, pois ela indaga que eles são criados e direcionados mais para Brasília e as cidades mais desenvolvidas. Para ela as propostas são boas, mas, muitas vezes não condiz com a realidade de cada município ou estado.

Para P2 os parâmetros curriculares “é um tipo de suporte” que norteia sua atuação, acreditando ser essencial para o trabalho em sala de aula. Mas segundo P3, “Algumas se distanciam da realidade, algumas sim outras estão assim em andamento e algumas coisas estão difíceis de conciliar com a prática” (P3).

Conforme P4 esse dispositivo oficial é um elemento imprescindível para a condução de seu trabalho. A entrevistada é enfática em sua fala ao responder a pergunta:

Eu acredito que é uma forma mesmo de nortear, é o nosso norte, a gente vai partir daí. A nossa partida vem daí entendeu, acredito é o que regulamenta, é o que nos norteia, sem esse norte acredito que seria impossível a gente desenvolver um bom trabalho porque tudo a gente acredita que as experiências... Elas são adquiridas através da própria experiência das crianças. Então você tem um norte e você leva pra dentro de sala de aula, mas o que vai enriquecer o trabalho é o conhecimento de cada um deles porque a gente leva um conteúdo a gente leva uma idéia pra sala de aula, mas o que vai ser desenvolvida mesmo parte das próprias crianças. Mas eu acredito sim que é o que norteia o que ampara entendeu é essencial na educação (P4).

O discurso de P4 é dotado de contradições, ao mesmo tempo em que ela enfatiza o poder dos parâmetros curriculares de regulamentar sua prática, também elenca, que o que define o trabalho em sala é ação voluntária da criança em participar das atividades, para ela o elemento norteador a faz entrar com uma idéia em sala de aula, mas que essa se consolidará a partir do interesse do alunado. Essa postura se explica por meio da corrente construtivista adotada na escola em que ela trabalha.

Em suma, as escolas em que a entrevistas foram realizadas adotam o Construtivismo com fio condutor de seus trabalhos. Essa corrente pedagógica exige

do professor sabedoria para saber interpretar o interesse e a necessidade de cada criança em sala de aula.

Em análise, no discurso de P1 e P3 se percebe que há normalização nas atividades pedagógicas por meio desse dispositivo oficial, P1 exemplifica esse acontecimento quando comenta que esse elemento regulador deveria se atentar para as especificidades locais porque o modelo é muito universal à atividade pedagógica.

A noção de norma discutida por Foucault abordada na obra *Em defesa da sociedade* (1999) compreende esse acontecimento. Para o autor “[...] A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar.” (FOUCAULT, 1999, p. 302). A população no contexto educacional é o corpo docente a quem se destina a regulamentação de sua conduta.

Nessa direção, os parâmetros curriculares, entendidos aqui como um dispositivo oficial ao estabelecer os eixos a serem trabalhados e objetivos a serem alcançados, regulamentam a atuação docente e a disciplina. Tardif e Lessard (2007, p. 221) alegam que “[...] os programas oferecem um quadro que rotiniza a ação cotidiana, imprimindo-lhe orientações, durações, objetivos, etc.” Ou seja, essas ações podem ser entendidas como formas de controle que atuam através da normalização.

Os autores também ressaltam que “[...] esse quadro necessita constantemente de uma adaptação por causa das exigências situacionais e experimentais vividas pelos professores” (TARDIF e LESSARD, 2007, p. 221). Esse pensamento vai de encontro com o depoimento de P4 quando declara sobre a importância dos parâmetros curriculares.

[...] acredito é o que regulamenta, é o que nos norteia, sem esse norte acredito que seria impossível a gente desenvolver um bom trabalho porque tudo a gente acredita que as experiências... Elas são adquiridas através da própria experiência das crianças (P4).

Nesse sentido, é possível visualizar a margem de autonomia dada ao professorado em função do modelo construtivista através dessa necessidade de interpretação e adequação das atividades de modo que os alunos se envolvam por completo. Entretanto, também é possível verificar o exercício do controle por meio

da normalização da atividade pedagógica e da disciplinarização do corpo para aceitar as regulamentações.

#### 4.1.4 Para você o que é ter autonomia em sala de aula?

Do ponto de vista de P1 a questão 07 (oito) é relevante, pois pra ela ter autonomia em sala de aula é muito importante porque a mesma ajuda na prática desenvolvida nesse ambiente, contudo revela que:

[...] “dizem autonomia”, mas, não é total autonomia. Tem toda uma hierarquia que a gente tem que seguir. Essa autonomia esta um pouco implícita, eu acho. [...] Os meios, os conteúdos que eles são os eixos, então funciona junto eu tenho que adequar como “diz a minha autonomia” eu tenho que adequar aos eixos norteadores que é da educação infantil (P1).

Com relação ao discurso de P1, pode se observar que os seus saberes e práticas estão subordinados a um complexo de hierarquia, de modo que a mesma rege todo o processo escolar direcionando os trabalhos, se constituindo como um mecanismo de poder. Esses direcionamentos citados por P1 como “eixos norteadores” são instrumentos normativos que criam o poder disciplinar. Nesse cenário o indivíduo precisa ser útil, dócil e produtivo, logo, precisa ser disciplinado para isso.

P1 relata que de acordo com seu ponto de vista a autonomia a ela dada precisa ser adequada aos eixos que norteiam o ensino infantil, dessa forma é possível visualizar um campo de relações de poder, P1 tem um saber, mas é preciso adequá-lo a um campo de poder, nessa relação o poder produz o saber e o saber produz o poder. Nesse sentido vejo que o mesmo campo em que há o exercício do poder também se forma o saber.

Dahlberg *apud* Santana (2007, p. 117) colabora com essa suposição e com a fala de P1 quando ressalta o pensamento de Foucault acerca do poder:

[...] Foucault desafia a crença de que o poder oprime os indivíduos, enquanto o conhecimento os liberta. Em vez disso, os dois estão intimamente envolvidos. O conhecimento legítimo, é um produto do poder, mais depois age como um instrumento do poder, desempenhando um papel fundamental na formação e constituição das disciplinas.

Desse modo, a suposta autonomia citada pela entrevistada se torna algo distante, nesse complexo de poderes. Foucault (2007a) explica que somente o poder em si não existe, o que existe são práticas e relações de poder. O autor

conclui que o “poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” Assim sendo, pode-se supor que a autonomia docente faz parte de uma situação estratégica.

Nesse sentido, reporto-me ao relato de P1 quando questionada sobre as características e formas de conduzir o trabalho docente a mesma dispara:

[...] também estar com o olhar atento pra o que precisa e no momento que precisa também atender as crianças, ser criativo é muito importante também na hora de ver as crianças o que estão necessitando também e fazer aquilo com bom trabalho (P1).

Pode se constatar que a autonomia na situação descrita pela entrevistada se faz necessário, desfrutar desse elemento na caracterização da sala realizada por P1 é algo que faz de seu trabalho melhor, portanto, mais produtivo. Assim sendo, o poder da criatividade, do olhar atento as necessidades da sala que entrevistada relata só existe em função de tornar a mesma produtiva e torná-la disciplinada, estando à mesma suscetível a punições e exclusões porque a ela foi dado à ferramenta da produção, ou seja, a autonomia.

Machado (1985, p. XVI) faz uma ressalva sobre o poder afirmando que “o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. É justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.” Contudo até mesmo a suposta autonomia serve assim como um adestramento.

Em contraste com o poder oculto nesse cenário de possibilidades, o discurso de P1 surge afirmando a tese de aprimoramento e adestramento citado por Machado quando diz que “[...] Os meios, os conteúdos que eles são os eixos, então funciona junto eu tenho que adequar como “diz a minha autonomia” eu tenho que adequar aos eixos norteadores que é da educação infantil (P1).”

Dessa forma, a disciplina seria “a técnica específica do poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2008, p. 143). Assim sendo a autonomia docente é condicionada as relações de poder-saber, sendo essa complexa relação disciplinadora.

P2 colabora com o pensamento descrito anteriormente quando diz “[...] na minha sala de aula eu tenho essa autonomia de lidar com as crianças, de resolver certas coisas”. A autonomia descrita pela entrevistada é restrita a sala de aula,

nesse caso está intrinsecamente ligada a produção. Nesse sentido, Cruz e Freitas (2011, p. 36) afirmam:

A disciplina é um mecanismo utilizado para garantir o controle dos indivíduos que compõem determinada sociedade. As instituições, em geral, adotam os mecanismos disciplinares para garantir a vigilância, o controle, a maior produtividade e desempenho de seus integrantes.

Assim sendo a entrevistada nem se dá conta que está disciplinada a usar de sua autonomia em seu trabalho em sala para que o faça produtivo, sempre direcionando-o sempre a alcançar os objetivos propostos, alcançando bons resultados, portanto, por trás da fala desta profissional é possível ver o quanto a mesma está condicionada a aceitar as exigências feitas a ela, através do discurso de êxito. Contreras (2002, p. 194), afirma que:

[...] Um aumento da regulamentação prescrita da prática docente, no contexto das formas burocráticas que dominam as relações institucionais, exige necessariamente um aumento da prescrição indiscutível dos resultados para que possam agir de maneira efetiva como critérios de controle no cumprimento das referidas prescrições. Isso significa que os valores educativos, que guiam teoricamente a prática do ensino, transformam-se em condutas e resultados previstos.

Já P3 acredita que ter autonomia se restringe a realizar seu desejo pessoal, que sente autônoma ao fazer suas vontades, e ao exercer sua profissão não apenas pelo dinheiro e sim por prazer é que ela acredita ter autonomia em sala. A entrevistada afirma que:

[...] tudo que é planejado é feito com, assim eu planejei porque eu desejei eu vi o que minha criança necessita de aprender aquilo que eu planejei, então eu creio que autonomia tem porque eu vi a necessidade de desenvolver aquela atividade, então depois quando eu estou desenvolvendo eu estou desenvolvendo da forma que eu planejei.

P3 acredita que o fato de enxergar a necessidade que seus alunos apresentam é usufruir de autonomia, a ideia de autonomia apresentada pela entrevistada é pertinente, porém há algo a ser observado, o pouco entendimento sobre o que é ter autonomia docente parece estar relacionado a uma formação ineficiente e a escassez de discussões a respeito do assunto no ambiente educacional, bem como os modos de resistir ao controle ocasionado pelas instituições superiores.

Com relação à questão da autonomia Contreras (2002, p. 194), assevera que “[...] a desqualificação, a rotina, o controle burocrático, a dependência de um conhecimento alheio legitimado e a intensificação conduzem à perda de autonomia, perda que é em si mesma um processo de desumanização do trabalho”. Por conseguinte, a acomodação e a aceitação das condições impostas fazem com que o profissional da educação nem se de conta que é um ser controlado cotidianamente.

P4 entende que a autonomia está presente:

A partir do momento que você pega um conteúdo e você pode transformar ele da sua maneira eu acredito que isso é uma forma de usar sua autonomia se você quer tirar o seu aluno da sala de aula se você quer usar novas mídias se você quer fazer uma aula vamos dizer assim inovar você tem essa autonomia tem você pode aplicar o conteúdo da sua maneira da sua forma eu acredito que o professor tem essa autonomia apesar de ter um conteúdo a longo prazo pra ser desenvolvido mas o professor tem como tem essa flexibilidade de acontecer agora ou depois.

Nesse sentido, Foucault (1995, p. 243-244) entende que há um poder que se aplica sobre as condutas e explica que “a ‘conduta’ é, ao mesmo tempo, o ato de ‘conduzir’ os outros [...] e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades” (grifos do autor). Ainda sobre o poder, o autor ressalta que “[...] O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade.” Desse modo, há entendimento de que o exercício do poder acontece por meio do ato de governar.

Ao fazer o deslocamento dessas análises ao pensamento de Foucault, é possível encontrar subsídios para esses pressupostos, quando o autor se refere a aplicação da governamentabilidade em *Microfísica do Poder* (1979). O mesmo cita que há um governo sobre as coisas, esta que faz menção a um conjunto que envolve homens e coisas, assim ele destaca que nesse caso o ato de governar se desenvolve sobre “os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, etc.,” (FOUCAULT, 1979, p. 282).

Nesse sentido, é possível perceber nas falas destes profissionais a intervenção do mercado neoliberal e a implantação conceitual no contexto educacional, que através de seus discursos propagam seus conceitos e subjetiva o profissional da educação de tal modo que ele incorpore as competências necessárias para a condução de seu trabalho, restringindo a autonomia docente apenas ao ambiente de sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a temática autonomia e a complexidade do trabalho docente objetivando verificar os fatores que interferem diretamente e indiretamente no cotidiano da docência, realizando as pesquisas bibliográficas houve a constatação da relevância do tema, há uma perda gradativa da autonomia ao mesmo tempo em que há uma elevação dos discursos oficiais enfatizando o professor como válvula promissora da educação de qualidade.

A opção pelo assunto se acentuou através de várias horas de convívio com professoras atuantes da Rede Municipal de Ensino em Ariquemes/RO, após diversos desabafos que traziam a tona à insatisfação e o desânimo devido à falta de participação ativa nas decisões escolares e sobre os conteúdos e métodos educacionais. O desenvolver dessa pesquisa revelou diversos pontos importantes que me chamaram atenção e que precisam ser estudados melhor, as contradições percebidas nas falas das entrevistadas revelaram a acentuada relação de poder que habita nas instituições escolares.

Ao presenciar os desafios enfrentados pelo grupo docente frente a tantas exigências, vi que aquele grupo se encontrava atarefados e estafados da profissão, em conversa informal com uma das professoras, ela me disse uma vez “desse jeito não dá, tenho que me policiar em tudo agora, não pode olhar assim, não posso fazer assado e não tem lei que me ampara”. Nesse momento fiquei intrigada e, passei a observar o exercício do poder através do controle que havia sobre aquele corpo docente.

Em conversa com a minha orientadora fiz uns apanhados através de minhas observações e conversas informais sobre o que eu queria falar, ela amadureceu a idéia me esclarecendo a abordagem que eu estava me propondo a fazer. O estudo se limitou em 02 (duas) Escolas Públicas no Município de Ariquemes/RO. O corpo teórico foi composto após diversas leituras de autores que tinham estudos aproximados com meu tema.

Ao fazer o estado da arte tive acesso a vários conhecimentos, entender a lógica do poder, a sua estratégia e seu funcionamento no seio das relações sociais foi bastante inquietante, pois a cada estudo algo novo era descoberto, o que antes para mim não tinha tanto sentido passou a ter, comecei a fazer minhas observações com um olhar diferente e ali passei entender um pouco como funcionava naquelas

instituições os mecanismos de controle, as formas de panópticos e os meios de coerção.

As análises das respostas das professoras voluntárias foi ainda mais intrigante, por serem dotadas de contradições e por revelarem a disciplina dos corpos, a docilidade e o efeito do poder aplicado a esse grupo, ao serem questionadas sobre autonomia, as mesmas demonstraram acreditar e aceitar que elas estão fazendo o exercício dela em sala de aula, apenas com o seu grupo de alunos já era o suficiente.

Entretanto, em outras perguntas, algumas desabafaram e diziam que não tinham bem autonomia, pois ainda assim tinham que se adequar aos eixos norteadores e as diretrizes que dá os direcionamentos para educação. Pois em outras repostas foi possível perceber o desejo de ruptura das entrevistadas. Após a coleta de informações foi possível ter algumas aproximações conclusivas a respeito da normalização e conformação que paira sobre o professorado nas instituições escolares.

A formação precária, a falta de discussões a respeito da temática e falta de união entre o grupo não dá subsídios e nem os encoraja a fazer movimentos contra o poder que os domina e direcionam suas condutas. A corrente pedagógica adotada nas escolas possibilita o controle maior do corpo e a vigilância constante.

Com todo esse cenário, pode-se inferir que o trabalho docente tem apenas como foco formar/adestrar indivíduos, ou seja, fabricá-los, para que assim os ensejos econômicos e políticos sejam atendidos e tudo ocorra na mais perfeita normalidade, desse modo, o professor ao mesmo tempo em que produz, também é produzido nessa relação de poder/saber. Todavia, devemos tentar promover uma escola de outra forma, uma escola que criem mecanismos de luta, que seja democrática, que dê espaço para seus indivíduos atuarem e os prepararem para o confronto com as situações diversas.

Nesse momento esse modelo de escola na qual evidencio nesse estudo, parece se preocupar a atender a grupos específicos de poder. Destarte, o professorado tem que estabelecer formas de lutar contra os mecanismos de disciplinamento, se desviando das imposições, sendo dono de sua própria conduta, pois o corpo social é impregnado de interesses individuais que se prevalecem de um grupo coletivo para se valer. É preciso ser crítico e consciente para se levantar frente a um grupo e fazer a diferença, objetivando sempre a realização pessoal.



## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ramon Luis de. **A ORDEM DO DISCURSO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, 2011. 214 f. Disponível em: <[http://www.tedebr.ufma.br/tde\\_arquivos/11/TDE-2011-02-22T090038Z-533/Publico/RAMON%20LUIS%20DE%20SANTANA%20ALCANTARA.pdf](http://www.tedebr.ufma.br/tde_arquivos/11/TDE-2011-02-22T090038Z-533/Publico/RAMON%20LUIS%20DE%20SANTANA%20ALCANTARA.pdf)>. Acesso em 15 de Agosto de 2013.

ARAÚJO, Arakén Almeida de; BRITO, Ana Maria de; NOVAES, Moacir de. **SAÚDE E AUTONOMIA: novos conceitos são necessários?**. Revista Bioética, v. 16, n. 1, p. 117-124, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/viewFile/60/63](http://www.revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/60/63)>. Acesso em: 15 de out. 2012.

ARAÚJO, Sâmara Carla Lopes Guerra de. **SER PROFESSOR COORDENADOR PEDAGÓGICO: sobre o trabalho docente e sua autonomia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 199 f. 2007. Disponível em:<[http://www.gestrado.org/images/publicacoes/39/Dissertacao\\_SamaraAraujo.PDF](http://www.gestrado.org/images/publicacoes/39/Dissertacao_SamaraAraujo.PDF)> Acesso em: 08 de ago. 2012.

ARAÚJO, Tânia M. de. SENA, Ivone P. de.VIANA, Márcia A.ARAÚJO, Edna M. **Mal – estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em Uma instituição de ensino superior**. Revista Baiana de Saúde Pública v.29 n.1, p.6-21 jan./jun. 2005. Salvador BA. Disponível em: <[http://www.sinpro-ba.org.br/saude/doc/mal\\_estar\\_docente\\_rev\\_baiana\\_de\\_saude\\_publica.pdf](http://www.sinpro-ba.org.br/saude/doc/mal_estar_docente_rev_baiana_de_saude_publica.pdf)>. Acesso em:18 ago. 2012.

AUGUSTO, Maria Helena; DUARTE, Adriana. **TRABALHO DOCENTE: CONFIGURAÇÕES ATUAIS E CONCEPÇÕES**. Artigos analisados: Eixo 1 do VI Seminário da Rede ESTRADO (UERJ, 2006). Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/03.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/03.pdf)>. Acesso em 01 de janeiro de 2013.

**AUTONOMIA**, in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/autonomia>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 64/2010 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretarias de Edições Técnicas, 2010. 104 p.

BRASIL. **Educação de qualidade para todos**: um assunto de direitos humanos. Documento de discussão sobre políticas educativas no marco da II Reunião Intergovernamental do Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe (EPT/PRE), 29 e 30 de março de 2007, Buenos Aires, Argentina. BR/2008/PI/H/22 2. ed. – Brasília :UNESCO, OREALC, 2008.108p. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001505/150585por.pdf>>. Acesso em 12 de Maio de 2013.

\_\_\_\_\_. **LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5ª Edição 2010. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/igdema/institucional/documentos/ldb-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional>>. Acesso em 18 agosto 2012.

CANDIOTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Coleção de estudos Foucaultianos, 5/coordenador Alfredo Veiga Neto. 2ª ed. Editora Curitiba/Champagnat. Belo Horizonte MG.

CANDIOTTO, Cesar. **A GOVERNAMENTABILIDADE POLÍTICA NO PENSAMENTO DE FOUCALT**. Filosofia Unisinos, v. 11. n. 1. p. 33-43. Jan./abr. 2010.

CARINHATO, Pedro H. **Neoliberalismo**: reforma do estado e políticas sociais nas últimas décadas do século XX no Brasil. AURORA ano II número 3 - 2008. Disponível em: <[www.marilia.unesp.br/Home/.../Aurora/aurora\\_n3\\_miscelanea\\_01.pd](http://www.marilia.unesp.br/Home/.../Aurora/aurora_n3_miscelanea_01.pd)> acesso em 05 fev. 2014.

CARMO, Jefferson Carriello do; REBOLO, Flavinês. **MUDANÇAS NAS FORMAS DE TRABALHO E O MAL-ESTAR DOS PROFESSORES**. Impulso, Piracicaba • 21(51), 51-62, jan.-jun, 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/429/549>>. Acesso 20 de fevereiro de 2013.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CRUZ, Priscila Aparecida Silva; FREITAS, Silvana Aparecida de. **DISCIPLINA, CONTROLE SOCIAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO À LUZ DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT**. Revista LEVS/UNESP-Marília | Ano 2011 – Edição 7 Junho/2011. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/1674/1422>>. Acesso em 24 de abril de 2014.

DUARTE, Bárbara Gonçalves Vaz; HYPÓLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. DISPOSITIVOS DE REGULAÇÃO CONSERVADORA, CURRÍCULO E TRABALHO DOCENTE. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 221-237, jan./abr. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 04 de Novembro de 2013.

DUBOC, Maria José Oliveira; SANTOS, Solange Mary Moreira. **A AUTONOMIA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**: em busca de compreensão. Sitientibus, Feira de Santana, n.36, p.21-42, jan./jun, 2007. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/36/a\\_autonomia\\_de\\_professores\\_da\\_educacao\\_bbasi.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/36/a_autonomia_de_professores_da_educacao_bbasi.pdf)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2013.

ENGUITA, M.F. **A ambiguidade da docência**: entre o profissionalismo e a proletarianização. Teoria & Educação, Porto Alegre, n.4, p.41-61, 1991.

ESTEVE, J.M. **El mal estar docente**. Barcelona, Paidós. 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P.231-249.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 10 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.

\_\_\_\_\_. Diálogo sobre o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b, p. 253-266.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 23 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 33 ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2007b.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007c.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, população**: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

\_\_\_\_\_. **A governamentalidade**. In:\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FREIRE, José Carlos da Silveira; MIRANDA, Marília Gouvêa de. **AUTONOMIA DOCENTE**: concepções na formação de professores. Disponível em:< <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/doutorado/trabalhos-doutorado/doutorado-jose-carlos.pdf>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

GALLO, S. **Cuidar de si e cuidar do outro**: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. (Org.). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 177-189.

GÜNTHE, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa:Esta É a Questão?** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

HOUSSAIS. Dicionário eletrônico da língua Portuguesa. São Paulo, Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 27 de set. 2012.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1996.

JESUS, Saul N. de. ABREU, Manuel V. SANTOS, Eduardo J. R. dos. PEREIRA, Anabela M. S. **Estudo dos factores de mal-estar na profissão docente**. Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. 1992. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/docente.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2012.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86

LÜDKE, M.; BOING, L.A. O TRABALHO DOCENTE NAS PÁGINAS DE EDUCAÇÃO & SOCIEDADE EM SEUS (QUASE) 100 NÚMEROS. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - especial, p. 1179-1201, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 22 de dezembro de 2013.

MACHADO, Roberto. **Por uma Genealogia do Poder**. In: FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: metodologia, planejamento, execução e análise, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v. 2.

MÁXIMO, Maria A. **A relação entre a violência nas escolas e as decepções, os afastamentos e as licenças de trabalho do professor do ensino básico de Porto Velho/RO**: um estudo na perspectiva foucaultiana. Porto Velho, RO 2009.

Menezes, Eliana da Costa Pereira de. **A MAQUINARIA ESCOLAR NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES PARA UMA SOCIEDADE INCLUSIVA**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. 189 f. Disponível em: <[http://www.michelfoucault.com.br/files/Menezes\\_%20tese.pdf](http://www.michelfoucault.com.br/files/Menezes_%20tese.pdf)> Acesso em 25 de agosto de 2013.

MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus D. **O mal-estar na docência**: causas e consequências. PUCRS. Porto Alegre: ano XIX n. 3, p. 139-146, set. 1996. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/1999/Formacao\\_De\\_Professores/Trabalho/06\\_20\\_08\\_o\\_mal-estar\\_na\\_docencia\\_causas\\_e\\_consequencias.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/1999/Formacao_De_Professores/Trabalho/06_20_08_o_mal-estar_na_docencia_causas_e_consequencias.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2012.

NÓVOA, A. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria e educação, n. 4, p. 109-139, 1991.

NOZU, Washington Cesar Shoiti; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **POLÍTICA DE (CON)FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**: estratégias de governamentalidade neoliberal. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, Londrina, p. 1.129-1.240, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT02-2013/AT02-026.pdf>>. Acesso em: 20 de março. 2014.

OLIVEIRA, Ailton Souza de. **AUTONOMIA VIGIADA: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS DOCENTES DO COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE-MS.** Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo. Grande, Mestrado em educação, 2007. Disponível em: < <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8008-autonomia-vigiada-caminhos-para-a-construcao-da-identidade-profissional-dos-docentes-do-colegio-militar-de-campo-grande-ms.pdf>>. Acesso em 25 de Setembro de 2013.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **POLÍTICA EDUCACIONAL E A RE-ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO LATINO-AMERICANO.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 99, p. 355-375, maio/ago, 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em 23 de outubro de 2013.

RAMOS DO Ó, Jorge. **A GOVERNABILIDADE E A HISTÓRIA DA ESCOLA MODERNA:** outras conexões investigativas. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 97-117, 2009. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000130&pid=S1517-9702201300020000700004&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000130&pid=S1517-9702201300020000700004&lng=pt)> . Acesso em 10 de agosto de 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. – Ed. Claraluz. São Carlos, SP. 2005.

SANTANA, Maria Silvia Rosa; SANTANA, Isael José. **Modernidade e Pós Modernidade:** uma breve análise sob o enfoque da educação. Pesquisa em educação: política, sociedade e tecnologia. Org. Doracina Aparecida de Castro Araújo; Ademilson Batista Paes... [et al.]. Campo Grande: UNIDERP, 2007.

SANTOS, Isaias Brites Pereira Dos. **Mal estar docente:** uma abordagem sobre a óptica foucaultiana. Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, 2014. 72 F.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. **MODERNIDADE LÍQUIDA, CAPITALISMO COGNITIVO E EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.** Educação & Realidade, 34(2): 187-201. mai/ago 2009. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/8300/5538>>. Acesso em 12 de Maio de 2013.

SILVA, Eduardo Pinto e; HELOANI, José Roberto; PIOLLI, Evaldo. **AUTONOMIA CONTROLADA E ADOECIMENTO DO PROFESSOR.** Educação e Políticas em Debate, v. 2, n. 2, p. 370-383, jul./dez. 2012. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/21901/12113>>. Acesso em: 12 de jan. 2013

SOUZA, Aparecida N. de. LEITE, Márcia de Paula. **CONDIÇÕES DE TRABALHO E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL.** Educ. Soc. Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out.-dez. 2011.

STOBÄUS Claus D. MOSQUERA Juan José M. SANTOS Bettina Steren dos. **GRUPO DE PESQUISA MAL-ESTAR E BEM-ESTAR NA DOCÊNCIA.** In. Revista Educação ano XXX, n. especial, p. 259-272. Porto Alegre, RS. 2007.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O TRABALHO DOCENTE:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 3ª ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **O OFÍCIO DE PROFESSOR:** história, perspectiva e desafios internacionais. Tradução de Lucy Magalhães. 4ª ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **EDUCAÇÃO E GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL:** novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 179-217.

VEIGA-NETO, Alfredo. **FOUCAULT & A EDUCAÇÃO.** 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

VIEIRA, Jarbas Santos; HYPÓLITO, Álvaro Moreira; DUARTE, Bárbara Gonçalves Vaz. **DISPOSITIVOS DE REGULAÇÃO CONSERVADORA, CURRÍCULO E TRABALHO DOCENTE.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 221-237, jan./abr. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

## APÊNDICE

- 1) Porque você escolheu fazer o curso de pedagogia?
- 2) Qual é a sua área de formação?
- 3) Em qual série leciona atualmente?
- 4) Você acredita que possui essas características? Se sim, como as adquiriu? (no curso, ou no desenvolver da prática docente, etc...)
- 5) Que sentido você acredita que a sociedade atribui a profissão docente?
- 6) No que diz respeito os parâmetros curriculares, como você os vê? Você acredita na contribuição delas para o trabalho dentro de sala? Ou você acredita que eles se distanciam da realidade escolar?
- 7) Pra você o que é ter autonomia em seu trabalho?